



**Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB**

**Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação**

Pólo: Restinga Seca – RS

Disciplina: Elaboração de Artigo Científico

Professor Orientador: Prof. Dr. Karla Marques da Rocha

Data da defesa: 07 de dezembro de 2012

Criação de Vídeo Book: uma experiência no processo de Letramento

Creating Video Book: An Experience in process

GARCIA, Ângela Cristina Curcino

Pós Graduação em Gestão Educacional: Administração, Supervisão e Orientação Educacional. Universidade da Região da Campanha, Caçapava do Sul, RS

Resumo

O processo de letramento ultrapassa os limites apenas do processo de alfabetização, supõe-se um apropriar-se dos códigos linguísticos para ampliar o conhecimento e mundo, tendo o professor o papel de mediador entre os conhecimentos técnicos linguísticos e os conhecimentos já trazidos de casa. Usando os recursos tecnológicos disponíveis na escola, objetivou-se com este trabalho, a aplicação das TIC como ferramentas de ampliação do processo de letramento. Como recurso metodológico optou-se pela criação de um Vídeo Book, usando recursos tecnológicos disponíveis na escola. Com base nos registros das criações e resultado final das histórias criadas em grupos, observou-se um crescimento significativo por parte dos alunos, tanto na estruturação de pequenas histórias como a motivação para continuação do desenvolvimento de pequenos textos e o uso das ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, mediação, TIC.

Abstract

The process of literacy goes beyond the limits only the literacy process, assume an appropriate the language codes to increase knowledge and world, with the teacher as a mediator between linguistic expertise and knowledge have brought from home. Using the technological resources available at school it-aimed to work with, the application of ICT as

tools to expand the literacy process. As a methodological resource we chose to create a Video Book, using technological resources available at school. Based on the records of the creations and stories created outcome in groups, there was significant growth by students, both in the structuring of short stories as motivation to continue creating small texts or using technological tools.

Keywords: literacy, literacy, mediation, ICT.

1. INTRODUÇÃO

Vive-se em um momento em que os índices e níveis de alfabetização dos alunos, de séries iniciais, estão em discussão, tendo-se em vista a meta dos governos federal, estadual e municipal em alfabetizar todos os alunos até os oito anos de idade, de acordo como o que é expressado no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.¹

Paralelo a isso, cada vez mais as crianças conseguem fazer uso das tecnologias como entretenimento ou como mecanismo de novas descobertas, seja por meio de jogos, sites educativos ou objetos de aprendizagem, de modo individual ou de forma coletiva. Isso corrobora com o que Valente (1999, p.2) já enfatizava que, “a construção do conhecimento advém do fato de o aluno ter que buscar novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento de que já dispõe sobre o assunto que está sendo tratado via computador”. Esses fatores elevam a interação do educando aos meios escritos e à leitura.

Estar em processo de alfabetização e estar interagindo com essas ferramentas significam também estar voltado para o processo de letramento², em que a aquisição de códigos linguísticos está associada ao uso dos seus significados. Em diferentes gêneros e contextos, o uso da TIC-Tecnologia da Informação e Comunicação, o computador como uma ferramenta de ensino e aprendizagem alia-se, segundo Valente (1999), ao fato do computador poder “ser utilizado para enriquecer ambientes de aprendizagem e auxiliar o aprendiz no processo de construção do seu conhecimento”.

¹ Programa do Governo Federal, que busca alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

² Magda Soares (1996), conceitua o termo letramento, como uma ampliação do processo de alfabetização.

Assim, este trabalho tem como objetivo norteador, mostrar a possibilidade da utilização das tecnologias disponíveis, na escola, como recursos metodológicos para auxiliar o processo de leitura e de escrita.

Proporcionar aos alunos do segundo ano do ensino fundamental a construção e a reconstrução de pequenos textos de forma colaborativa, usando espaços de aprendizagem como as salas de aula e de informática e objetos de aprendizagem como filmadora, retroprojeter multimídia, buscando ampliar e estimular a leitura e escrita, em um espaço de ação, reflexão e reelaboração da escrita.

Como produto final, apresenta-se à comunidade escolar o “Vídeo Book”³, ou seja, um livro digital criado a partir do envolvimento da turma com as TIC disponíveis na escola.

O percurso metodológico desta pesquisa ocorreu, inicialmente, a partir da análise bibliográfica, da inserção dos alunos no laboratório de informática e do uso de ferramentas como retroprojeter multimídia, câmera fotográfica e filmagem. Além disso, analisou-se a interação entre alunos e as TIC e analisaram-se os dados e percepções durante toda a aplicação do projeto.

2. O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA ESCRITA E OS RECURSOS TECNOLÓGICOS.

A linguagem tem na sua ação a interlocução entre sujeitos, ou seja, para haver a comunicação precisa haver interação, o que ocorre em diferentes situações sociais. Partindo dessa premissa, o ensino da língua escrita, está diretamente relacionado com a comunicação em sociedade e a interação entre sujeitos e objetos de aprendizagem.

Um olhar histórico sobre a alfabetização e seus processos, revela que o ato de ler e escrever modifica-se ao longo dos tempos, acontecendo graças a estudos e pesquisas feitas por quem não se conforma apenas com treinos ou apropriações de códigos.

³ Livro construído por imagens e sons, disponível em DVD e na internet.

A partir dos anos 80, o conceito de alfabetização no Brasil foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente com os trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

Vendo e estudando a psicogênese da escrita, pesquisa realizada por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, experimentada e (re) comprovadas por outros pesquisadores, intelectuais e professores de muitos países, compreendi, ou pelo menos, acredito ter compreendido que a escrita não é um conhecimento a ser ensinado por alguém para alguém, mas que ela, a escrita, é construída pelo próprio sujeito, passando por diferentes níveis, que deverão ser considerados pelo professor, no momento de organizar situações de aprendizagem para seus alunos. (FEIL, 1993, p.31)

Essa ampliação de significados modifica o conceito do aluno de estar alfabetizado para tornar-se letrado⁴ pois “... não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente” Soares (2003, p.20).

Fazer uso dos conhecimentos adquiridos na escola, fora da escola, agindo e interagindo com o novo, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania...” Freire (1991, p.68), dando um importante sentido para aquilo que a escola oferece.

Dentro do processo de letramento, encontramos um indivíduo que no contexto do apropriar-se das possibilidades do uso da leitura e da escrita, exerce diferentes práticas de leitura e de escrita, transitando em novas formas de alfabetização, antes vista como possível apenas com o uso do papel.

A alfabetização digital dá-se à medida que o indivíduo passa usar os recursos da informática para a produção da leitura e da escrita, interagindo com os mecanismos como forma de conhecimento ou para produzir novos conhecimentos.

Ao professor não cabe apenas o ensino da codificação e da decodificação, muitas vezes sem sentido ao educando, mas sim o uso e o aproveitamento da informação que se está recebendo ou transmitindo, para a sua transformação ou formação social. “Não devemos esquecer que, em função da natureza da escrita como objeto cultural, o conhecimento da escrita começa em situações da vida real,

⁴ Defini-se letrado o indivíduo que não apenas sabe ler e escrever, mas que usa os seus conhecimentos para a ampliar suas práticas sociais, que enxerga além dos códigos, faz relações entre informações e as insere em seu contexto histórico.

em atividades e em ambientes também reais.” (TEBEROSKY, 2003, p.67), sendo necessário, portanto, trazer para o ambiente formal de aprendizagem as formas de descobertas, de novos conhecimentos usados como lazer ou entretenimento, adquiridos em diversos contextos.

O professor, nas atividades de letramento, precisa estar conectado com a realidade do aluno, propor ou criar situações de repensar a escrita e a leitura, integrando os interesses do aluno com os seus interesses, o que implica, em alguns contextos, a sua atualização metodológica.

Proporcionar espaços para o compartilhamento de aprendizagens a partir do interesse do aluno gera troca de informações e contextualiza um real uso do que aprendeu na escola, fora da escola, dá sentido para o que aprende, contudo a esse mediador, professor, cabe a atualização e a capacitação para inserir-se nas novas formas de aprendizagem, saindo da zona de conforto ou das descobertas já efetivadas e aprendidas, para uma nova etapa de desafios e descobertas.

Para formarem-se bons leitores são necessários o estímulo, a motivação, espaços adequados e ambientes favoráveis à prática de leitura e escrita, assim como a disponibilidade e variedade de materiais a serem usados para tais atividades.

Não se pode querer que o aluno conheça diversos tipos de linguagens escritas se não tem contato com as mesmas. Letrar é também adequar o mundo da escola ao mundo real, ou seja, trazer para a sala de aula aquilo que se lê e que escreve fora dela também. “A escrita só é importante na escola porque é importante fora da escola, e não o inverso.” (FERREIRO, 1992, p.20)

O uso dos equipamentos de mídia disponíveis na maioria das escolas ou recursos já adquiridos pelos professores, como retroprojeter de multimídia, câmeras digitais, aparelhos de DVD, CD, pendrive, e principalmente se conhece programas educativos, jogos ou site que possam vir a complementar ou até mesmo criar espaços de novos conhecimentos, torna o professor conectado com uma proposta de ensino aprendizagem que ultrapassa os limites físicos da escola.

Quando insere no seu planejamento objetos de aprendizagem já usada pelos alunos de forma informal, passa a ampliando a sua atuação no processo de letramento, incorporando na sua prática o uso desses diferentes objetos de aprendizagem, importantes recursos de interação e de descobertas, pois “o poder da

escrita não reside nela mesma, mas no uso que as sociedades fizeram dela.”
TEBEROSKY (1992, p.57) assim como, não basta o domínio do instrumento, do recurso, mas as ações que se tornarão possíveis a partir do seu uso.

Soares (2002) reconhece que diferentes tecnologias da escrita criam diferentes letramentos e afirma:

“propõe-se o uso do plural letramentos para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias da escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos.”
(SOARES 2002, p.156),

As transformações da sociedade e de seus recursos levam a novas produções de aprendizagens, mecanismos diferenciados para aprendizagens diferenciadas, voltadas para aquilo que a sociedade precisa, ou seja, alunos leitores e escritores em espaços diferenciados e conectados com a realidade.

3. METODOLOGIA

A aplicação da proposta de pesquisa ocorreu, em uma turma de 25 alunos, do segundo ano do ensino fundamental, em uma escola da rede estadual de ensino, de Caçapava do Sul, com o objetivo de inserir no processo de letramento as TIC, para que pudessem ou não, comprovar a utilização das mesmas como objetos de aprendizagens viáveis no desenvolvimento da língua escrita.

Os trabalhos, com criação de pequenos textos criados livremente ou com temáticas específicas e leituras de diferentes meios de comunicação, são práticas realizadas desde o início do ano letivo, assim como a frequência semanal na sala de informática da escola, em que os alunos digitam textos criados por eles, acessam sites com jogos sobre o assunto desenvolvido ou pesquisam assuntos para conhecer ou aprofundar o que foi visto em sala de aula.

Como etapa inicial da aula na sala de informática, o aluno iniciou acessando o blog da professora pesquisadora que, no planejamento da aula, disponibiliza os links

que serão acessados durante o desenvolvimento do seu objetivo proposto, assim como prevê, no final da aula, tempo livre para buscar ou repetir ações.

Para aplicação do projeto de pesquisa, com o objetivo de criar um vídeo book, ou seja, um livro digital, composto por textos criados em sala de aula com temas livres, inicialmente introduziu-se o uso da filmadora para gravar a leitura das produções criadas pelos alunos e o retroprojetor de multimídias para que o grupo se assistisse e revisse as criações.

Foram criados grupos de três estudantes, quantidade essa definida para que o texto fosse lido e filmado em partes, início, meio e fim, facilitando assim a compreensão da sua estrutura.



Figura 1 – alunos em sala de aula criando histórias em grupos.

Cada texto criado foi digitado no laboratório de informática da escola, sendo que todos os integrantes teriam que passar pelas etapas de ditar, digitar e revisar erros ortográficos apontados pelo editor de texto.



Figura 2 – alunos na sala de informática digitando os textos criados em sala de aula.

Em sala de aula, os vídeos criados foram assistidos por meio do retroprojetor multimídia, bem como os alunos analisaram os textos escritos, a pontuação, o emprego de letra maiúscula, parágrafos, ortografia e concordância. O grande grupo opinava e sugeria mudanças, tanto na estrutura do texto quanto no título e nome de personagens.



Figura 3 – finalização e apresentação das histórias

Como proposta desafiadora, propôs-se a finalização de apenas cinco histórias, das oito, criadas inicialmente, pois o grupo já compreendia a estrutura do texto de início, meio e fim, sendo capaz de em grupos maiores, ampliarem as ideias e produzirem as ilustrações das mesmas, criando também o título geral do trabalho, o nome do livro e a sua apresentação.

Os cinco grupos, com o auxílio da professora, na sala de aula, e dispendo do retroprojetor de multimídia, reestruturaram, digitaram e acompanharam o processo de gravação do arquivo, criaram pastas e identificaram de onde cada texto foi guardado no computador, bem como, após as ilustrações prontas, acompanharam o processo de digitalização dos desenhos, usando o escâner da sala de informática.

Na medida em que cada história ficava pronta, finalizada, era preciso que fosse aprovada pelo grande grupo, pois o projeto da criação do livro digital era da turma, sendo necessário o acordo de todos.

Com a parceria com o Ponto de Cultura de Caçapava do Sul, os alunos fizeram a gravação do áudio das histórias criadas, acompanhando e tirando as dúvidas do processo de gravação, com muita curiosidade e interesse.



Figura 4 – gravação do áudio

Após a edição e montagem do Vídeo Book pela professora, foi organizado uma noite de lançamento, com criação em conjunto do convite para o lançamento, com ensaio da música tema do livro, “Era uma vez” música do compositor Toquinho.

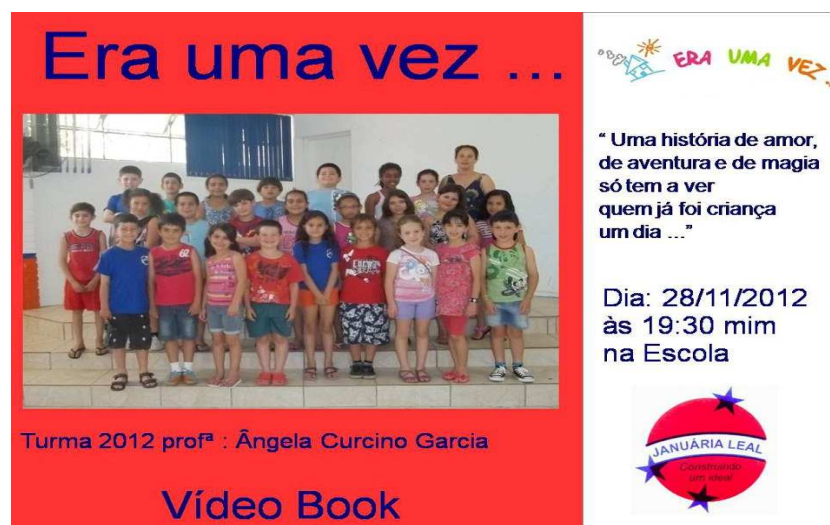


Figura 5 – convite de lançamento do Vídeo Book

Na noite de lançamento e também de autógrafos, os pais e convidados assistiram o vídeo e os alunos puderam sentir-se escritores, presenteando os pais com uma cópia das histórias criadas, da música tema do livro e uma história criada pela professora onde foi mostrado parte das atividades realizadas durante o ano letivo, gravados em DVD.



Figura 6 - brinde ao lançamento do Vídeo Book



Figura 7 – Sessão de autógrafos do Vídeo Book

Os alunos efetivaram-se escritores para o mundo, uma vez que a partir daquele momento, o Vídeo Book estaria disponível no blog da professora, podendo ser acessado em qualquer lugar, por qualquer pessoa, mostrou-se as possibilidades de criação e de efetivação das práticas de leitura e de escrita, usando como ferramentas objetos de aprendizagens que auxiliaram na alfabetização digital e no processo de letramento.

4- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante a criação do Vídeo Book, muitas foram as aprendizagens, tanto por parte do aluno quanto por parte do professor pesquisador, vivenciando a teoria na prática e constatando que é possível uma nova forma de alfabetização, no caso, a alfabetização digital dentro do processo letramento.

Nos momentos de criações das histórias, ainda que os alunos tivessem a liberdade de escolher os colegas e o tema para a criação, muitos foram os conflitos. Os alunos do segundo anos do ensino fundamental, em média sete anos de idade, ainda possuem traços de egocentrismo muito forte, não estão acostumados a compartilhar ideias, muito menos aceitar que a sua sugestão não seja aceita por todos os colegas.

Os diferentes gêneros, meninos e meninas, criaram enfoques e enredos que de início se chocaram, as preferências por nomes e contextos onde as histórias criadas iam se desenrolar precisaram, por momentos, serem repensados.

Superar essa rejeição já é um crescimento por parte do aluno, querer continuar e aceitar é outro, é um grande desafio, que precisa do professor adulto capaz de mediar os conflitos para que ele possa exercer atitudes de liderança e espírito de equipe.

Nem todos os alunos encontravam-se no mesmo nível de compreensão do desenvolvimento da língua escrita. Na escrita, o que é correto ortograficamente para um, pode ainda ser incompreendido pelo outro, pois um aluno em nível silábico escreverá silabicamente, a leitura do que ele escreveu feita por um aluno alfabético apontará erros.

O conflito na leitura de palavras escrita por alunos silábicos ou com erros ortográficos já percebida criou um espaço de discussão, um repensar dentro de uma aprendizagem colaborativa, sendo o erro apontado durante a digitação na sala de informática, substituiu por momentos o papel da professora de questionar a forma com que se escreve, pois as palavras sublinhadas apontavam o erro que precisavam ser revistos.

Na tentativa de identificar o porquê determinada palavra estar sublinhada, os alunos testaram algumas hipóteses, como no caso da palavra “primceza”, digitada

várias vezes (princesa, primcesa), pois os sons da palavra são diferentes da ortografia.

Neste caso, não foi suficiente as tentativas e o acerto da escrita da palavra para acabar as dúvidas ou o sublinhado da palavra, a professora precisou entrar com a explicação da gramática para justificar a grafia, levando a dúvida surgida na sala de informática, para a sala de aula, propondo exercício em sala de aula com a escrita de palavras com a letra M antes das letras P e B e a escrita de palavras com a letra S entre vogais que apresentam, na maioria dos casos, sons da letra Z.

A montagem dos grupos, de livre escolha, porém com três integrantes, foi planejada a fim de que no momento da leitura para o grande grupo, dividissem-na em partes identificando o início, meio e fim. Uma proposta desafiadora, pois até então alguns alunos não haviam se dado conta da estrutura de um texto.

As histórias, na medida em que foram apresentadas para os colegas, foram filmadas e em outro momento assistidas, criando um espaço de observação, análise e reflexão sobre a leitura, sinais de pontuação e entonação de voz.

Novamente o trabalho em equipe e a superação das divergências ou dificuldades, foram fatos que contribuíram para que o grupo ficasse ainda mais unido e que superassem estágios de compreensão da língua escrita.

Uma nova proposta de criação foi apresentada aos alunos, das oito histórias criadas em grupos de três alunos, três eram muito parecidas, pois na medida em que os alunos visitavam os grupos ou assistiam as apresentações “roubavam” ideias.

Foi proposto a finalização de apenas cinco histórias que seriam recriadas por grupos formados por cinco alunos, sendo que a partir da proposta todos poderiam trocar de grupo, porém em cada grupo deveria ter no mínimo dois meninas ou dois meninos.

Trabalhar em grupos maiores, torna maior ainda as dificuldades a serem vencidas, pois o novo grupo formado por alguns alunos que já eram do grupo, criou uma certa resistência, compreensível, a mudanças.

Porém as histórias foram revistas, ampliadas, algumas totalmente modificadas. Novamente digitadas, filmadas e apresentadas ao grande grupo que já estava com a ideia de montar um livro da turma, portanto precisava aprovar as mudanças ou não.

Neste momento os alunos usaram o Notebook na sala de aula, cada grupo defendendo a sua produção e a cada aprovação, a felicidade com os aplausos dos colegas foi emocionante.

Na medida em que os alunos começaram a ser valorizados como escritores, o entusiasmo e a expectativa para a noite de lançamento do livro foi aumentando, não apenas por parte dos alunos, a família e a escola abraçaram a ideia e o desenvolvimento do projeto ultrapassou as expectativas iniciais, pensado apenas como mais um recurso e pretexto para ampliar e oportunizar a leitura e a escrita, mostrou como é prazeroso para o aluno “mexer”, descobrir, sair da rotina e principalmente, ver-se autor da sua própria criação.

O orgulho dos pais e o envolvimento em decorar o espaço de lançamento do livro, convidar parentes e amigos, fez com que se pensasse também em um convite para o lançamento, criado de forma colaborativa com os alunos e montado pela professora, ultrapassando assim o processo de criação além sala de aula.

A criação de forma colaborativa do nome do livro “Era uma vez” , foi inspirado pelo grupo, após um trabalho com a música Era uma vez do compositor Toquinho, sendo montada como abertura do livro, com ilustração da música pelos alunos.

No momento da ilustração da música ou das histórias criadas, os alunos tiveram que passar por um processo novo para eles, resumir, sintetizar ideias, pois, “nem toda as palavras podem ser desenhadas” - fala de um aluno.

Ilustrar um contexto, requer compreender e criar primeiramente no imaginário o fato, requerendo a compreensão da situação, o que proporcionou momentos de discussão, combinados, conflitos e aprendizados.

Na gravação das vozes, em uma parceria com o Ponto de Cultura de Caçapava do Sul, houve momentos importantes na análise do crescimento dos alunos com o projeto.

Vendo o esforço em lerem de forma compreensiva, com entonação de voz, obedecendo a pontuação e o mais importante todos os alunos lendo é recompensador, mostra de que o projeto de integrar no processo de letramento as TIC é válido e possível.

Na noite de lançamento do Vídeo Book, o orgulho e felicidade de todos os envolvidos foi visível, um brinde de guaraná oferecido pela escola representou a

valorização por parte dessa neste projeto, bem como a euforia dos presentes em autografar os DVD que foram feitos para serem presenteados aos convidados.

Como os alunos criaram as suas histórias, a professora também criou um história contando parte dos fatos vividos pela turma durante o ano letivo, com muita emoção e sentindo em estar se despedindo da turma pois todos os alunos já estavam aprovados para o ano seguinte, encerraram a noite de lançamento com despedidas e uma nova proposta feita pela equipe diretiva da escola, continuar o projeto com os novos alunos do ano seguinte.

A repercussão do lançamento do Vídeo Book, foi noticiada pelos meios de comunicação da cidade, sendo manchete no jornal digital da cidade, os alunos receberam convite para divulgar o livro na Rádio Caçapava e para fazerem-se presentes na Feira do Livro de 2013.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos feitos e apresentados neste trabalho, percebemos que é possível a integração no processo de letramento, dos alunos do Segundo Ano do Ensino Fundamental, às TIC disponíveis na escola, como objetos de aprendizagens que auxiliam tanto no processo de leitura e de escrita, como no processo de alfabetização digital.

A formação de alunos leitores, com hábitos de leitura que possam ser utilizados para ampliar o aprendizado, requer práticas prazerosas, de interesse do aluno, que desperte a curiosidade e o estimule a buscar mais informações. Essa prática prazerosa e ampliadora do processo de leitura e escrita foi buscada e constatada com o uso de ferramentas tecnológicas durante a aplicação do projeto

Assim como o processo de letramento não restringe-se a um período determinado e sim a uma prática contínua, não resumiu-se apenas na codificação ou decodificação, a interação do aluno com as ferramentas tecnológicas ampliam o leque de ações facilitadoras ao aprendizado, melhorando o raciocínio, a atenção e a compreensão, habilidades essas necessárias para seguir a diante neste processo de leitura e escrita.

As possibilidades de interação foram muitas e permanecerão, uma vez que livro virtual esta disponível e de livre acesso para o mundo na internet. Sempre que o aluno buscar ver a sua produção entrará em contato com os recursos tecnológicos não ficando restrito a leitura do seu livro, mas em contato com outros mecanismos de leitura, continuando de forma autônoma seu aprendizado formalizado na escola.

Ao professor cabe sempre o papel de estimulador e de mediador desses recursos, pois é ele que fará a integração entre os objetos de aprendizagens, os objetivos pedagógicos e novas experiências tanto de uso das tecnologias como da ampliação das hipóteses de leitura e de escrita. Podemos considerar as TIC usadas, como recursos didático-pedagógico importantes, pois auxiliam na reformulação das hipóteses e ampliam o uso de elementos de leitura e de escrita.

Cabe ainda salientar que, a prática de integração de elementos digitais no processo de letramento, só é possível com a atualização, capacitação do professor e disponibilidade para usar o novo, incorporando as novas ferramentas tecnológicas de aprendizagem, no seu planejamento, com o objetivo de ampliar e efetivar novas aprendizagens.

6 - REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez. 1992

FEIL, Iselda Terezinha Sausen. Alfabetização: um diálogo de experiências. Ijuí: UNIJUI, 1993

TEBEROSKY, Ana ; COLOMER, Teresa. Aprendendo a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed. 2003

TEBEROSKY, Ana. Aprendendo a escrever : Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. Trad. Cláudia Schilling. 3 Ed. São Paulo: Ática. 1992

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 de nov. 2012.

PERRENOULD, Philippe . Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000

VALENTE, José Armando, organizador . O computador na sociedade do conhecimento . Campinas, SP:UNICAMP/NIED,. 1999. Disponível em: <www.nied.unicamp.br/oea>. Acesso em 15 de nov. 2012.

Nome do autor: Ângela Cristina Curcino Garcia – angelacurcino@gmail.com

Nome do orientador: Prof. Dr^a. Karla Marques da Rocha